

## TEXTOS (Sugestões para Seminários)

### SITUAÇÃO CULTURAL DO BRASIL NA ÉPOCA DA REGÊNCIA (Abreu e Lima)

Entre os Brasileiros tem havido alguns homens distintos pelo seu saber; porém o mesmo sucede a seu respeito que com os Portugueses: a apatia é o nosso cunho nacional. O mais interessante das nossas produções é sem dúvida o *Dicionário Clássico da Língua Portuguesa*, por Antônio de Morais Silva, natural do Rio de Janeiro; ele é superior a todo encarecimento. O Dr. Arruda (Manuel) deixou incompleta a sua *Flora Pernambucana*; Fr. Leandro apenas deixou de mais utilidade a sua memória sobre a preparação do chá; o Pe. Caldas legou-nos algumas poesias sacras de gosto original; o Dr. Monteiro, algumas memórias pouco lembradas ou conhecidas; Melo Franco, um ensaio sobre as febres intermitentes, e mais algumas produções deste teor, etc., etc., porém não existe uma só obra clássica, de que possamos gloriar-nos, em nenhum ramo das Ciências positivas, exatas ou experimentais.

Um dos Brasileiros que mais têm escrito é sem dúvida o Visconde de Cairu; assim mesmo é tão pesado, indigesto e de mau gosto, que apenas há um outro Brasileiro que conheça ou leia os seus escritos. O mesmo Sr. José Bonifácio não tem correspondido à vastidão do seu imenso saber; e deixaria uma memória estéril e passageira no mundo científico, se não tivesse legado aos Brasileiros a imortal obra de sua independência; em bem poucos anos ele será mais conhecido como político do que como literato.

(...) também tivemos alguns poetas; ainda hoje são conhecidos pelos seus títulos o *Caramuru*, o *Uraguai*, a *Marília de Dirceu*, etc.; até tivemos uma Epopéia em língua latina; desta glória passageira ainda agora nos ressentimos, por isso que ainda conservamos a mania de *Poetas*. Há 25 anos que temos uma Academia Militar, composta de inúmeros preceptores; e à exceção de Manuel Ferreira de Araújo, que escreveu um tratado de Astronomia, não houve todavia quem se lembrasse de redigir um compêndio de doutrinas próprias para qualquer ramo das ciências exatas que ali se ensinam. Será pois por incapacidade ou por ignorância? não; é por incúria, por desleixo, por apatia e por preguiça.

(...) o nosso saber não guarda proporção com o estado atual da ilustração do mundo, nem com as necessidades de uma população nascente, porém vigorosa e cheia de nervo, que precisa desenvolver toda a sua capacidade; os nossos conhecimentos no Brasil desaparecem no meio da *imperícia* da multidão; não possuindo homens abalizados nas ciências de utilidade, tampouco os possuímos nas de gosto e ornato. É mister confessarmos que em tudo somos medíocres e escassos, ainda mesmo no número; apenas contamos meia dúzia de velhos, cuja existência vai tocando o fim da vida, e de quem já pouco devemos esperar; e alguns mais moços que não querem desenganar-se, de que as ciências se inventaram para proveito dos homens, e não para ornato de uma cabeça ou para lisonjear o amor próprio daqueles que as professam (...)

Os Brasileiros começaram por onde deviam acabar: trataram das ciências maiores sem cuidar da instrução primária (...) Temos muitos Advogados, muitíssimos Cirurgiões, e muitos mais aspirantes a lugares de Magistratura; e sem embargo, todos os dias pedimos a Deus nos livre de que a nossa honra, a nossa vida e a nossa fazenda passem por semelhantes mãos (...) O que acabamos de dizer é uma seta ervada, que vai ferir muito amor-próprio exaltado; sabemos, como de certo, que não escaparemos à pecha de detratores; contar-se-ão *pelos dedos* os sábios de todo o Brasil, e os progressos que as ciências têm feito, desde que obtivemos a dita de obter um título de Doutor deste lado do Atlântico; sabemos que vamos a ser tachados de inimigos do nosso *crédito literário*, e que não seremos perdoados pela audácia com que ferimos o orgulho dos idiotas; paciência (...)

(Bosquejo Histórico, Político e Literário do Brasil. Niterói, 1835. Apud Martins, Wilson - História da Inteligência Brasileira, II, 215/216. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977).

\*

## CONTRA CATILINA (Cícero)

Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência? quanto zombará de nós ainda esse teu atrevimento? onde vai dar consigo tua desenfreada insolência? É possível que nenhum abalo te façam nem as sentinelas noturnas do

Palatino, nem as vigias da cidade, nem o temor do povo, nem a uniformidade de todos os bons, nem este seguríssimo lugar do Senado, nem a presença e semblante dos que aqui estão? Não presentes manifestos teus conselhos? não vês a todos estes inteirados da tua já reprimida conjuração? Julgas que algum de nós ignora o que obraste na noite próxima e na antecedente, onde estiveste, a quem convocaste, que resolução tomaste? Oh tempos! Oh costumes! percebe estas coisas o Senado, o cônsul as vê, e ainda assim vive semelhante homem! Que digo, vive? antes vem ao Senado, é participante do conselho público, assinala e designa com os olhos, para a morte, a cada um de nós. E nós, homens de valor, nos parece ter satisfeito à República, evitando as suas armas e insolência! Muito tempo há, Catilina, que tu devias ser morto por ordem do cônsul, e cair sobre ti a ruína que há tanto máquinas contra todos nós.

(...) Sendo tudo isto assim, Catilina, prossegue o que principiaste, vai-te enfim da cidade, abertas estão as portas, anda; muito há te desejam por general aqueles teus arraias de Mânlio; leva contigo todos os teus, ou ao menos muitos deles, alimpa-nos esta corte; de grande temor me livrarás, quando entre mim e ti estiver o muro da cidade; já não podemos viver mais contigo, nem eu o posso sofrer, tolerar, consentir. Infinitas graças devo dar aos deuses imortais, e a este mesmo Júpiter Stator, antiquíssimo protetor desta cidade, de ter tantas vezes escapado a esta tão horrível, torpe e prejudicial peste da República. Não convém que por causa de um homem pergue muitas vezes a República.

(Orações, p. 215/216 a 219. Trad. do Padre Antônio Joaquim. Rio de Janeiro, Jackson, 1960. Col. "Clássicos Jackson", vol. 2).